

VOZES INSUBMISSAS: O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA E A RESISTÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA

VOCES INSUMISAS: EL ENFRENTAMIENTO A LA VIOLENCIA Y LA RESISTENCIA EN LA LITERATURA AFROBRASILEÑA DE AUTORÍA FEMENINA

Carlota Nunes de Almeida¹

Cleilã Lima Barros²

Edyvânia Marques de Almeida³

Jociane Gomes de Oliveira⁴

RESUMO

O Brasil é um país cuja formação foi pautada no patriarcalismo, com altos índices de machismo, formando uma sociedade que não dava vez e nem voz às mulheres. Para alcançarem espaços e direitos dos quais usufruem hoje, as mulheres tiveram que lutar, mas ainda hoje são frequentes situações em que a sociedade tenta silenciá-las. Dessa forma, este artigo analisa a inserção da mulher na literatura afro-brasileira contemporânea, partindo da compreensão que esse é um processo marcado pela resistência. O objetivo central desta pesquisa, é analisar a inserção da mulher na literatura afro-brasileira, compreendendo sua representação e vivência através da produção literária de Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo. Para o desenvolvimento desta investigação, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que forneceu os subsídios teóricos para a compreensão da temática, bem como a construção das análises. Quanto ao aporte teórico, é possível ressaltar autores como Antonio Candido (2006), Antoine Compagnon (2010), Constância Lima Duarte (2003; 2020) e Regina Dalcastagnè (2012). A partir das discussões aqui realizadas, observou-se que a literatura se constitui como um instrumento de resistência histórico para as mulheres, sendo de grande importância para enfrentamento do silenciamento, uma vez que possibilita o fortalecimento do protagonismo da mulher afro-brasileira. Além disso, as obras analisadas evidenciam a representação de mulheres brasileiras reais, cujas vivências ocorreram em contextos de desigualdade, razão pela qual caracterizam-se como pertencentes a uma literatura de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira. Mulheres. Escritora. Rejeição histórica.

RESUMEN

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola-EAD, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima /Campus Boa Vista /CBV(IFRR), Boa Vista, RR, Brasil. E-mail:carlotaifam@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola-EAD, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima /Campus Boa Vista /CBV(IFRR), Boa Vista, RR, Brasil. E-mail:cleilalimabarros701@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola-EAD, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima /Campus Boa Vista /CBV(IFRR), Boa Vista, RR, Brasil. E-mail:emamarques2227@gmail.com

⁴ Professora orientadora, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima - UFRR. E-mail:jocianegomesdeoliveira@gmail.com

Este artículo analiza la literatura femenina como mecanismo de resistencia, a partir de tres autoras brasileñas contemporáneas, partiendo de la comprensión de los retos que plantea el proceso de integración de la mujer, que se ha caracterizado por la lucha contra el rechazo histórico que han sufrido las mujeres en este ámbito. Brasil es un país cuya formación se estructuró en torno al patriarcado y al predominio del machismo, cuya sociedad no concede ni voz ni voto a las mujeres. En este sentido, se observa que, para conseguir espacios y derechos, las mujeres tuvieron que luchar; sin embargo, incluso en el siglo XXI, la sociedad machista sigue intentando silenciar a las mujeres. Los objetivos de este trabajo consisten en analizar la presencia femenina en la literatura brasileña, comprendiendo su representación y su experiencia; destacar las principales dificultades a las que se enfrentan las mujeres al hacer frente al rechazo histórico en la literatura de autoría femenina; y analizar la producción literaria de las autoras Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes y Conceição Evaristo en su labor por romper el silencio histórico impuesto a las mujeres. Para la elaboración de esta investigación se utilizó la metodología de investigación bibliográfica, que proporcionó los fundamentos para la comprensión del tema, lo que permitió desarrollar una base teórica basada en los supuestos de la crítica literaria. A través de la elaboración de este artículo, se ha observado que la literatura se presenta como un instrumento histórico de resistencia para las mujeres, de gran importancia para hacer frente al silenciamiento, lo que permite reforzar el protagonismo femenino. Las obras analizadas muestran la representación de mujeres brasileñas reales, cuyas experiencias tuvieron lugar en contextos de desigualdad, lo que pone de manifiesto una literatura de resistencia .

PALABRAS CLAVE: Literatura brasileña. Mujeres. Escritoras. Resistencia.

1 INTRODUÇÃO

Para alcançar o protagonismo na sociedade brasileira e, principalmente, na literatura, as mulheres vivenciaram um processo de resistência, considerando que por muito tempo, o Brasil foi, e ainda é em certos aspectos, marcado pelo patriarcalismo, que tentou silenciar as mulheres de todas as formas. Nesse sentido, a atuação de mulheres em obras literárias mostra a importância de fortalecer a história destas, possibilitando que tenham voz. Assim, assumir esse protagonismo na literatura é uma forma de luta e embate, à medida que às escritoras narram a resistência das mulheres em suas obras literárias.

A literatura afro-brasileira contemporânea vem se apresentando como um espaço distinto, servindo para denunciar e resistir às tentativas de silenciamento e invisibilidade dos sujeitos marginalizados historicamente. Compreende-se que, a literatura, é capaz de dar voz aos grupos que foram historicamente silenciados na sociedade, rompendo padrões e fortalecendo o protagonismo de mulheres, negros, entre outros grupos.

É partindo desse entendimento, que este estudo analisa as obras contemporâneas produzidas por Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo, uma vez que estas evidenciam a criação de um espaço que gera identificação e resistência feminina. Cada autora,

através de suas narrativas, aborda problemáticas, que permitem refletir questões sociais, presentes na sociedade e constituídas historicamente, como a violência contra a mulher, submissão, desigualdades sociais, geradas desde o início da colonização brasileira, através da sociedade escravista.

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a inserção da mulher na literatura afro-brasileira, compreendendo sua representação e vivência. Os objetivos específicos foram: destacar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres na luta à rejeição histórica na literatura afro-brasileira de autoria feminina; analisar como a produção literária das autoras Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo rompe o silenciamento histórico feminino; mostrar as formas de representações da mulher e sua ascensão na literatura.

Para realização deste trabalho, adotou-se a pesquisa bibliográfica, com uma seleção inicial de materiais como livros, revistas científicas, artigos científicos, teses e obras literárias, que serviram para compreender a temática e fundamentaram a elaboração teórica. A abordagem foi qualitativa, buscando a compreensão e interpretação dos aspectos históricos, sociais e culturais das obras que foram analisadas. A análise apoia-se nas verdades da crítica literária, tendo como principais aportes teóricos os seguintes autores: Antonio Candido (2006), que discute a relação entre literatura e sociedade; Constância Lima Duarte (2003), referência nos estudos sobre literatura de autoria negro-feminina e crítica feminista; e Regina Dalcastagnè (2012), cujas reflexões abordam a representatividade na literatura afro brasileira contemporânea.

O trabalho contribui, dessa forma, para uma visibilidade da mulher, onde a produção literária, serve de instrumento para reforçar a afirmação identitária, e, concomitantemente, propicia o fortalecimento do protagonismo através da escrita de mulheres afro-brasileiras, enquanto prática política, que contribui para o processo de emancipação. A produção da escrita é um instrumento que vem criar novos espaços para as mulheres, sendo relevante discutir acerca da representação, no espaço da literatura afro-brasileira, trazendo novos questionamentos, resistindo às barreiras e imposições, de forma a ressignificar o lugar do gênero feminino na sociedade, não aceitando mais uma posição marginalizada.

A literatura produzida por mulheres afro-brasileiras é um instrumento relevante de resistência, considerando o histórico da sociedade, que através dos seus mecanismos silenciava e excluía as mulheres da participação na sociedade. Durante muitos anos, as mulheres tiveram espaços limitados, por conta dos costumes, tradição e normas da sociedade e das instituições, onde o espaço doméstico incluía as tarefas de cuidado do lar e dos filhos;

essas barreiras impostas pela sociedade, acabaram causando um silenciamento e exclusão. Ainda hoje, no contexto contemporâneo, as mulheres vêm lutando para adentrar em novos espaços e alcançar o devido reconhecimento.

A sociedade patriarcal, durante muito tempo, cerceou o direito das mulheres, sobretudo, o acesso à educação, a inclusão no sistema literário e o próprio reconhecimento intelectual. Esse processo de exclusão, causou o silenciamento e invisibilidade de várias autoras, cujas escritas ocorriam: nos bastidores, ou através de pseudônimos. Contudo, observa-se que os movimentos feministas iniciados a partir do século XX, possibilitaram uma expressiva participação feminina, ocorrendo a produção de obras, que passaram a dar visibilidade e valorizar as contribuições de mulheres afro-brasileiras na literatura.

O trabalho está organizado em três seções principais, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção, intitulada “A representação da mulher na literatura brasileira contemporânea”, aborda, de forma panorâmica, o histórico de lutas e de resistência de escritoras afro-brasileiras em busca do reconhecimento de seu espaço no sistema literário nacional; a segunda seção, intitulada “O core da resistência feminina” apresenta as três obras que compõem o corpus da pesquisa, estabelecendo paralelos entre elas e as vivências que atravessam histórias de muitas gerações de mulheres que, de muitas maneiras, foram historicamente marginalizadas; a terceira seção, intitulada “Entre linhas e ideias: vozes que se cruzam”, volta a comparar as obras, evidenciando como elas dialogam entre si e destacando, a partir delas, diferentes formas de transformar experiências em linguagem, compondo um retrato múltiplo da realidade social brasileira a partir de vozes de mulheres afro-brasileiras.

2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Quando se analisa a inclusão da mulher na sociedade brasileira, nota-se que houve ao longo dos anos um amplo processo de exclusão, tendo este ocorrido de forma evidente no espaço literário. No âmbito das letras e das artes, a exclusão das mulheres remonta aos primórdios da formação da sociedade brasileira, quando estas não tinham acesso à educação formal, pois a elas somente era destinada a educação do lar, com o objetivo de que se tornassem boas esposas e boas mães, conforme os princípios da sociedade patriarcal. De acordo com Beauvoir (1970, p. 81), em *O segundo sexo, fatos e mitos*,

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia

dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher.

Do início da formação da sociedade brasileira aos dias atuais ocorreram mudanças e, embora a vivência na contemporaneidade seja mais plural, a representação da mulher afro-brasileira no campo literário ainda tem o desafio de romper com estereótipos para que as mulheres obtenham o protagonismo. É notável que estas já avançaram muito ao longo dos séculos, mas ainda há resquícios do patriarcalismo e de um modelo editorial marcado pela acentuada presença masculina na literatura, como é possível perceber no artigo de Jacomel (2008), intitulado *Relações de poder e a literatura brasileira*, fazendo um debate acerca das raízes das relações de poder presentes na formação do cânone literário brasileiro.

Citada por Romanelli (2014) na monografia *A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea*, Virgínia Woolf (1985) explica que a existência da desigualdade literária de gênero ocorria porque a mulher necessitava de condições sociais e recursos materiais favoráveis, demandando, especialmente, independência financeira e espaço adequado e próprio para criação. A pequena parcela de mulheres no meio literário não era, assim, ligada à incapacidade intelectual, mas sim estritamente relacionada às barreiras históricas que impediam a formação, autonomia e reconhecimento feminino. Rossini (2014, p. 4), em *A construção do feminino na literatura: representando a diferença*, ressalta que

É por meio da própria representação que são assinaladas e refletidas as relações do indivíduo com o mundo social. As representações são consideradas variáveis e determinadas pelos discursos dos grupos sociais que as instituem, nos quais relações de poder e dominação estão constantemente presentes.

Um dos desafios existentes hoje diz respeito à desconstrução do cânone patriarcal, sendo que a hegemonia masculina reforça esse padrão enquanto prática enraizada no cerne da sociedade. A disputa de gênero na literatura estabelece uma relação marcada por um conflito de forças antagônicas que é intensificado em diversos estratos socioculturais. Dessa forma, na atualidade, a concepção de espaço de poder é observada em diferentes territórios de convívio e influência, a exemplo de: instituições mais singelas, como a família e ou nas relações afetivas; ou espaços mais rígidos, como os Estados, a política, a indústria, a tecnologia, e, visivelmente, a literatura (Rydlewski; Portilla, 2023).

Ainda falando sobre isso, Rydlewski e Portilla (2023, p. 78), no artigo *Entre cânones: o espaço da mulher na literatura contemporânea brasileira – um panorama estatístico*, dizem que

Pensar em literatura enquanto espaço de poder é entendê-la como uma estrutura construída e alicerçada em interesses socioculturais temporais nos quais o que realmente se disputa é o reconhecimento e, conseqüentemente, a atenção da crítica e do público leitor. Assim, ao eleger determinadas obras em detrimento de outras, o cânone se pauta em um sistema complexo de inclusão e exclusão, deixando de lado, ou melhor, descartando parcelas de “literatura” existentes – e, conseqüentemente, escritores ou escritoras que as produzem – que possam vir a ser consideradas como de menor importância.

Rossini (2014) destaca que a materialização da literatura de autoria negro-feminina tem um início muito discreto em meados do século XIX, ganhando mais consistência no decorrer do século XX. Essa literatura foi ampliada a partir de novas perspectivas sociais que divergiam das tradicionais representações literárias. Isso porque, como explica Dalcastagnè (2012), no artigo *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, uma vez que o cânone literário ocidental foi construído historicamente por literaturas produzidas por homens, em sua maioria abastados, brancos e pertencentes à elite sociocultural, suas obras estão carregados de ideologias dominantes que regiam os códigos hegemônicos de representação e de produção literária da sociedade.

Esse sistema canônico dominante é excludente e eletivo. Nesse sentido, levanta-se um questionamento: quais obras são excluídas e/ou quase não têm espaço? Ao longo dos tempos, esse sistema vem silenciando e excluindo as obras escritas por mulheres, aquelas produzidas nas periferias, obras oriundas da cultura popular, que insere os saberes orais e do senso comum. Reitera-se aqui que a pequena representatividade feminina no contexto literário não é algo recente, embora tenha tido um crescimento maior nas últimas décadas, mas ainda se percebe uma diferença significativa na quantidade de escritores e escritoras.

O silenciamento das mulheres ao longo da formação da sociedade brasileira ocorreu, sobretudo, por estas sempre foram consideradas inferiores aos homens tanto culturalmente quanto social, política e historicamente. O patriarcalismo questionou a capacidade intelectual das mulheres, acarretando em silenciamento, neutralização da cidadania e do exercício de direitos enquanto sujeito social. No cenário literário e cultural, a inserção feminina ocorreu de modo não valorativo, surgindo e crescendo, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, quando foram criadas ações destinadas a conscientização e desconstrução de formas e expressões que reforçam a opressão e a marginalização da figura feminina. Foi no século XX,

surgiu o feminismo, um movimento social, político e filosófico que visava a igualdade social entre homens e mulheres, além de eliminar preconceitos, qualquer tipo ou forma de dominação sexista a fim de transformar a sociedade contemporânea (Rossini, 2014).

Chartier (2011), citado por Rossini (2014), aponta que a representação dos padrões simbólicos advindos das ideias de poder é difundida nas identidades através de signos e práticas, favorecendo o reconhecimento de um status simbolicamente limitado e de uma identidade social que são institucionalizados dentro de um determinado contexto social. Nesse sentido, é mediante a representação que ocorrem os processos de hierarquizações e divisões sociais, com a legitimação e reprodução de certa realidade.

Rydlewski e Portilla (2023) explicam que o reposicionamento do cânone literário precisa da inclusão de textos criados por mulheres na historiografia literária e nos debates sobre os critérios de construção do próprio cânone. Além disso, Alves (1998, p. 313-314), em *Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário*, complementa dizendo que

Atualmente, com o resgate de muitas dessas autoras, que publicaram suas produções em livros ou em periódicos da época, mas que foram silenciadas com o tempo, percebe-se que a exclusão não se deve à má qualidade de seus textos, mas, simplesmente, porque suas produções transbordavam ou se desviavam do paradigma eleito pela literatura na modernidade. A maior parte dessa produção caminha contra a corrente dominante e, consciente ou inconscientemente, refuta a representação da mulher no código oficial da literatura. Além do mais, muitas das escritoras partem para o questionamento e a desconstrução da imagem idealizada da mulher construída pela sociedade moderna.

Desde o período colonial, as mulheres brasileiras tiveram sua liberdade cerceada, foram excluídas do mundo das letras e estiveram à margem dos processos de leitura e escrita. O acesso feminino à educação e ao mundo da literatura ampliou as possibilidades de inserir-se no mundo sociocultural e de acesso à leitura e à escrita, que permitiram às mulheres posicionarem-se mais. Nesse sentido, nas décadas de 1960 e 1970, o movimento feminista foi de grande importância para que as mulheres adentrassem novos espaços, conquistando direitos como à educação, ao voto e ao trabalho formal.

Todas essas conquistas ocorreram através de lutas e foram incorporadas à sociedade gradativamente, mas os resquícios do patriarcalismo ainda tentam silenciar as mulheres, razão pela qual aquelas que se dedicam à escrita representam uma forma de resistência. Apesar de o espaço literário ainda ser majoritariamente masculino, já contém um grande número de mulheres, ainda que estas, muitas vezes, não obtenham o reconhecimento merecido.

A literatura de mulheres afro no Brasil teve início há muitos anos, porém é um campo que tenha sido marcado pela exclusão de mulheres. A Academia Brasileira de Letras

(ABL), por exemplo, que foi criada no ano de 1897, cita o caso da romancista Júlia Lopes de Almeida. Cazaes (2017), na reportagem: *As escritoras brasileiras da virada dos séculos XIX e XX que foram esquecidas*, conta que a autora era reconhecida como uma importante romancista brasileira da sua época que participou ativamente das articulações que possibilitaram a criação da ABL, mas foi impedida de ocupar uma cadeira na instituição, sendo a cadeira atribuída ao seu esposo, Filinto de Almeida. Desde a sua criação, apenas no ano de 1977, uma mulher foi integrada à ABL: a escritora Rachel de Queiroz.

Todo o processo histórico aqui mencionado contribuiu para que várias escritoras permanecessem à margem do cânone literário brasileiro. Coelho (1993), no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711-2001*, apresenta algumas autoras que foram esquecidas, destacando a ausência de mulheres nos registros literários, uma vez que, embora houvessem publicações, o contexto histórico causava a sua invisibilidade. Assim, de acordo com Coelho (1993, p. 11),

Entre os fenômenos mais significativos deste último quarto de século, no âmbito da literatura e da crítica, está sem dúvida o crescente interesse que desde os anos 70 vem despertando não só a produção literária das mulheres, mas também a de literatura infantil juvenil e a da 'negritude'. Muito mais que simples moda, esse triplo interesse arraiga em um fenômeno cultural mais amplo: a inegável emergência do diferente; das vozes divergentes; a descoberta da alteridade ou do Outro, via de regra, sufocadas ou oprimidas pelo sistema de valores dominantes.

Os trabalhos literários de autoria feminina surgiram gradativamente, em um ritmo lento, mas que trouxe importantes resultados, pois permitiu que a mulher se tornasse agente de transformação social. Apesar de esse surgimento aumentar a representação da mulher afro-brasileira na literatura, não era reconhecido da devida forma, uma vez que as publicações eram feitas como se a autoria fosse masculina. Esse fato, ao mesmo tempo que silenciou, também inquietou muitas mulheres no decorrer dos anos, o que as motivou a se sobressaírem lentamente, conseguindo aos poucos romper padrões sociais que foram impostos às gerações anteriores.

Nos dias atuais, a literatura escrita por mulheres afro-brasileiras destaca-se por questionar estruturas sociais construídas historicamente, por enfrentar a exclusão social e dar visibilidade às experiências das mulheres e aos conflitos que vivenciam, de maneira que se constitui uma forma de resistência. Nesse contexto, Conceição Evaristo, por exemplo, retrata esse movimento de despertar da autonomia feminina em *Vozes-Mulheres*, um poema que traz as memórias de várias gerações de mulheres negras, mostrando a recorrente desigualdade de raça e gênero e transformando a escrita em um elemento de denúncia e, ao mesmo tempo, de

afirmação identitária. Já Jarid Arraes, em *Redemoinho em dia quente*, conta a história de personagens femininas que vivenciam situações de violência, opressão e silenciamento, reforçando a literatura como instrumento de resistência e fortalecimento do protagonismo feminino.

No próximo tópico deste trabalho serão analisadas as obras das autoras Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo, pois seus escritos dão voz às mulheres e contribuem para o reposicionamento feminino na literatura, além do fato de que as experiências narradas fortalecem o movimento de resistência. As obras em questão possuem ainda personagens femininas complexas, um aspecto importante que influencia na ruptura com os estereótipos tradicionais à medida em que elas assumem o protagonismo nas narrativas de sobrevivência, afirmação identitária e denúncia.

3 O CORE DA RESISTÊNCIA FEMININA

Quando se analisa o core da resistência feminina, faz-se um recorte do contexto moderno em relação à escrita literária de mulheres enquanto forma de enfrentar o silenciamento e a opressão especialmente de mulheres negras. O *core* representa uma metáfora sociológica, pois simboliza a força e a resiliência histórica e política construídas pelas mulheres e por seus movimentos, voltados à inserção social, à conquista de direitos, à emancipação, à ocupação de espaços e à resistência frente às diversas formas de opressão. Nesse contexto, as autoras escolhidas para esta análise foram Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo, cujas obras se inserem no campo da literatura afro-brasileira. Por meio de suas produções literárias, elas evidenciam experiências marcadas por questões de gênero, raça e classe, conferindo visibilidade às vozes historicamente marginalizadas e contribuindo para a valorização da identidade, da memória e da resistência da população negra no Brasil.

Redemoinhos em Dias Quentes, de Jarid Arraes, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e ainda *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo, se conectam quando mostram a realidade vivida por mulheres em diferentes regiões do país, o que acaba se tornando uma denúncia política. Enquanto Arraes traz a realidade da mulher de Juazeiro do Norte, no Ceará, mostrando a riqueza religiosa, a pureza e a simplicidade das mulheres que lá vivem, Carolina Maria de Jesus expõe sua própria realidade e, ademais, a de tantas mulheres que viviam essa mesma condição: mães que criavam os filhos sozinhas e que, muitas vezes, precisavam sobreviver como catadoras e moradoras de favela. É nesse contexto que se

encontram os desfavorecidos, os pobres e, em situação ainda mais vulnerável, mulheres e crianças esquecidas por seu país e por seus políticos. Já Conceição Evaristo, nos versos de *Vozes-Mulheres*, denuncia o passado de horror vivido por nossos ancestrais negros para que, por meio da poesia, nunca se esqueça o passado de dor e de luta enfrentado por nossas mulheres ancestrais.

Tavares (2017, p. 7-8), no artigo *Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença: por um planejamento de possibilidades*, comenta que

Apesar das relações de poder entre opressores e oprimidos, há práticas sociais de resistência à exclusão promovidas pelas subjetividades dominantes. Esta constante tensão de quem está fora e quem está dentro depende de inúmeros elementos, como a identidade do grupo, o tempo, etc. entre os quais influenciam nas práticas sociais das mulheres, assim como dos homens. Nesse caso, a combinação de práticas sociais permitem os processos de resistência e a possibilidade da criação da novidade, subvertendo o ideal de gênero no espaço.

A resistência feminina através da escrita evidencia a apropriação da palavra como mecanismo para enfrentar a opressão numa sociedade marcada pelas subjetividades dominantes que são expressas em práticas sociais excludentes. Nesse contexto, a escrita literária como forma de resistência vem combater essas práticas através da representação da realidade, denunciando situações de violência, desprezo, patriarcado, subalternidade e preconceito em contextos distintos, partindo de uma ótica baseada na visão feminina.

A primeira obra a ser analisada é *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Nesta, a autora narra em seu diário a sua rotina enquanto mulher negra e catadora de papel. Carolina luta diariamente contra a fome, a vulnerabilidade e a pobreza extrema, frutos do descaso do Estado. O quarto de despejo é uma metáfora que representa a favela, espaço onde os governantes e a elite hegemônica (que vivem no “quarto de visitas”) ocultam os marginalizados e a miséria. Na obra, Carolina mostra sua vivência em condições precárias dentro de um sistema excludente, além de deixar evidente que tem consciência política e almeja a ascensão social. Dessa forma, a leitura e a escrita, além de serem instrumentos de denúncia, também são formas de alcançar a dignidade.

Miranda (2013, p. 16), na dissertação de mestrado *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*, falando sobre a escritora, comenta que

Carolina Maria de Jesus é precursora da Literatura Periférica no sentido de que ela é a primeira autora brasileira de fôlego a constituir a tessitura de sua palavra a partir das experiências no espaço da favela. Isto é, sua narrativa traz o cotidiano periférico não somente como tema, mas como uma maneira de olhar a si e a cidade. Por isso,

seu olhar torna-se cada vez mais crítico diante do cenário de ilusões que São Paulo projetava com sua falsa imagem de lugar com oportunidades para todos – crença que a fez migrar de sua cidade natal na juventude.

A obra em análise traz uma denúncia social enquanto retrata a realidade vivenciada por Carolina Maria de Jesus, sendo que o caráter dessa denúncia é bem explícito diante da luta incansável da autora por sobrevivência. Além disso, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* traz um olhar autocrítico enquanto a escritora analisa sua condição de quem se encontra socialmente invisível. Complementando, Paulo (2018, p. 168), no artigo *Ocultação, linguagem e políticas públicas: análise do Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*, diz que

Sob o olhar da autora, o livro narra o contraponto existente entre o desenvolvimento e a ocultação, a inclusão e a exclusão, o lixo e o luxo. A autora demonstra consciência da problematização social a qual está inserida e a qual vivencia. Reflete o desprezo pela vida que leva na favela e o constante desejo de deixar a localidade em busca de mais dignidade. A escrita aparece como forma de subterfúgio para a autora e, ao mesmo tempo, tem o intuito de trazer à tona as mazelas de ordem social e comportamental que norteiam o ambiente onde vive.

Dalcastagnè (2012) considera a literatura como um espaço de disputa, no qual diferentes grupos buscam o direito de representar a realidade segundo suas próprias perspectivas e de obter reconhecimento social. Partindo desse entendimento, Carolina Maria de Jesus usa sua escrita demonstrando a contestação de sua realidade, fazendo um paradoxo do fenômeno de modernização urbana e narrando o contraste presente entre o centro de São Paulo e a favela, privada de políticas públicas básicas, sendo este segundo espaço invisibilizado por ser destinado à ocultação da miséria e aos excluídos. Além de denunciar as desigualdades sociais da realidade brasileira através da linguagem usada em seu diário, Carolina Maria mostra a insubmissão ao modelo social do qual era uma vítima.

Dessa maneira, o *Quarto de despejo* traz o olhar de uma mulher negra e marginalizada, configurando-se como uma narrativa de grande importância e atemporal. Embora, o contexto descrito seja a cidade de São Paulo, observa-se que no Brasil, um país que tem muitas disparidades sociais, ainda existem muitas pessoas que, como Carolina, vivem em condições de extrema vulnerabilidade nos quartos de despejo existentes no país, onde o espaço urbano marginaliza, exclui e segrega os grupos sociais mais vulneráveis.

Já o livro *Redemoinho em Dia Quente*, de Jarid Arraes, publicado em 2019, reúne contos que apresentam diferentes experiências de mulheres, especialmente mulheres negras e nordestinas, revelando subjetividades marcadas por questões de identidade, memória, afetividade, desigualdade social e resistência. A obra constrói um panorama plural de

personagens femininas que rompem com representações estereotipadas e assumem o protagonismo de suas próprias histórias.

A narrativa de Jarid Arraes destaca sujeitos frequentemente marginalizados pela literatura tradicional, trazendo para o centro da produção literária vozes que foram historicamente silenciadas. Por meio de uma linguagem sensível e ao mesmo tempo crítica, a autora explora conflitos internos, relações familiares, questões de gênero, raça e pertencimento, evidenciando como as experiências das mulheres são atravessadas por diferentes contextos sociais e culturais. Assim todas essas formas narrativas afirmam ou negam certos estereótipos, pois não se trata de uma arte inofensiva, na medida em que possui grande prestígio social, mesmo entre aqueles que não leem, a literatura tem grande influência na vida humana:

[...] Neste sentido, ela pode ter a importância equivalente à das formas conscientes de incultamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. (...) os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 2004, p.177)

O conto *Gesso*, presente na coletânea de Jarid Arraes, destaca-se por abordar a experiência feminina a partir de marcas do corpo, da memória e das imposições sociais. A narrativa evidencia como as personagens lidam com expectativas construídas sobre o feminino, revelando tensões entre aquilo que é imposto socialmente e aquilo que constitui a identidade individual. O elemento simbólico do gesso pode ser interpretado como representação das limitações, das marcas e das tentativas de moldar corpos e existências femininas conforme padrões externos.

O poema *Vozes-mulheres*, é um dos mais conhecidos de Conceição Evaristo, publicado primeiramente em 1990, em uma edição dos *Cadernos Negros*, e em 2008 no livro *Poemas da Recordação e outros movimentos*. Nesse poema, a escritora mineira traz, ao longo de 32 versos distribuídos em seis estrofes, uma repetição das palavras “eco” e “voz”, cada uma por nove vezes, o que leva o leitor, seja rico, pobre, negro ou branco, a uma reflexão sobre o passado que os negros vivenciaram em diversos lugares do mundo. Esses versos permitem, ainda, que o leitor visualize os porões sujos e escuros em que os negros eram transportados como mercadoria, onde crianças, mulheres e homens morriam por abandono, muitas vezes sendo jogados ao mar. Desse modo, o poema lembra que esses atos infames não devem se repetir.

O texto poético escrito por Conceição Evaristo, serve para refletir a trajetória de mulheres negras na sociedade brasileira. Aprendendo elementos formadores da consciência de ser mulher e negra. Duarte (2007, p. 25), em seu artigo *O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo*, afirma que a autora,

Os versos enfatizam a necessidade do eu poético de falar por si e pelos seus. Esse sujeito de enunciação, ao mesmo tempo individual e coletivo, caracteriza não apenas os escritos de Conceição Evaristo, mas da grande maioria dos autores afro-brasileiros, voltados para a construção de uma imagem do povo negro infensa dos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimentos, mas, igualmente de resistência à opressão.

Como apontado por Duarte (2007), na citação acima, o texto poético contribui para a construção da identidade do povo negro. Evaristo através de seu poema, dá voz as cinco gerações de mulheres negras (que vai da bisavó até à filha), que foram silenciadas, onde a opressão histórica imposta às primeiras gerações, vai se transformando em um processo visível de ancestralidade, até o alcance da resistência e liberdade. No poema, retrata a trajetória de uma geração de mulheres onde a bisavó foi forçada se deslocar no navio negreiro), a avó, já devia obediência, dando continuidade à escravidão, a mãe, embora não faça mais parte do ciclo escravista, o espaço destinado é o trabalho doméstico, ambos territórios alheios, conduzidos por forças opressoras; contudo, a partir da filha, ocorre o abandono desse espaço que lhe fora destinado, mediante a autonomia, trazendo liberdade e a conquista de novos lugares. Neste sentido, Samyn (2019, p. 30), em seu artigo: *Para (re)ler “Vozes-Mulheres”: Conceição Evaristo e a dialética da ancestralidade*, relata que,

A menção de uma tríplice temporalidade (“O ontem – o hoje – o agora”) recupera as diversas etapas desse movimento, cabendo perceber que não representam termos isolados, uma vez que todos estão mutuamente implicados: o “ontem” condiciona o “hoje”, que determina o “agora”; o “agora” em se subsume tanto o “hoje” quanto o “ontem”. O que essa formulação particular da temporalidade faz sobressair é a presença concomitante de todas as “vozes-mulheres” – não como figuras cuja ação se realiza em intervalos distintos, mas como agentes que se presentificam em um ato singular, efetivado pelo recolhimento na “voz-mulher” da filha. Há, portanto, uma fundamental diferença qualitativa, visto que essa nova ressonância implica a convergência da coletividade em um lugar próprio (o território que a filha habita graças ao movimento emancipatório do qual participaram sua mãe e sua avó), a partir de uma disposição existencial também nova (mas que não prescinde das existências ancestrais): é disso que provém a “vida-liberdade” – que, enquanto eco, propicia a libertação tanto da filha quanto daquelas que a antecederam.

Conceição Evaristo consegue escrever com maestria e nos leva a refletir sobre a importância da literatura afro-brasileira, enquanto pilar para o processo de resistência. Uma reflexão deste processo, é que durante muitos anos ocorreu o silenciamento da riquíssima herança cultural afro-diaspórica aqui no país. Neste poema, o processo da circulação, perpassa

pela readaptação de situações que demonstram o inconformismo e anseio pela liberdade e autonomia. Para Oliveira (2018, p. 02-03), na obra *Questões de literatura negra e testemunho em Olhos d' água, de Conceição Evaristo*, expressa que essa escrita, representa uma forma de preservação da memória das vítimas

A escrita de um sobrevivente ou até mesmo de uma testemunha que se solidariza com os fatos têm vínculo direto com a memória das vítimas e daqueles que não sobreviveram; por isso, o registro ficcional dessas histórias permeadas por violência e dor é uma forma tanto de dar tûmulo àqueles que não sobreviveram como também de não se esquecer do que aconteceu para que não se repita. Desse modo, o elemento estético oriundo das estratégias ficcionais que a escrita do testemunho pode aproveitar colabora para a construção de uma dimensão ética desses textos, e recursos literários passam a operar como uma forma de reforço do discurso testemunhal.

Concorda-se com Oliveira (2018), quando ressalta que a dimensão ética da produção tem uma representatividade relevante. A escrita de testemunho possibilita que se tenha uma consciência mais reflexiva, onde o leitor tenha novas possibilidades de compreender a literatura afro-brasileira, mediante várias conexões, sobretudo, com aquela que atravessa o sofrimento das personagens, mesmo que seja doloroso e obscuro, de forma que não seja disfarçada a realidade do racismo estrutural.

A escravidão embora tenha terminado no final do século XIX no Brasil, ela deixou muitas sequelas, a reorganização dos espaços, sobretudo os centros urbanos, sendo que muitas desigualdades sociais, que ainda imperam no país, são resultantes da sociedade e sistema escravista. Conceição Evaristo, em artigo publicado em 2009, por título: *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, faz uma reflexão acerca da questão da autoria negra, retratando as discriminações ainda sofridas, vinculadas de vivências históricas que se colocam em resistência a opressões sociais. Neste sentido, Evaristo (2009, p. 18), vem afirmar,

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um 'corpo mulher-negra em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam.

Compreende-se que, Evaristo por meio da sua literatura, consegue testemunhar as expressões da violência e vulnerabilidade vivenciada por mulheres e pessoas negras. A perspectiva das obras dessa autora, perpassa pela tendência feminina e afrodescendente na produção de escrita. As autoras analisadas, representam esse segmento de literatura de resistência, com estilos diferentes, porém, denunciam através dos seus textos, formas de

violação de direitos, como a escravidão, desigualdades sociais, violência contra a mulher, entre outras, permitindo que os leitores, possam refletir acerca dessas problemáticas e não aceitar que elas permaneçam ocorrendo na sociedade, desafiando toda forma de opressão e censura.

4 ENTRE LINHAS E IDEIAS: VOZES QUE SE CRUZAM

A solidificação da literatura de autoria feminina, apresenta uma grande trajetória, que de modo tímido, iniciou-se a partir de meados do século XIX, contudo, passou a obter maior consistência no decorrer do século XX, onde passou a ocupar um pouco de espaço em um terreno dominado por homens, confrontando e trazendo novas perspectivas sociais, diante das representações literárias tradicionais.

O cânone literário ocidental durante muito tempo, foi hegemonicamente influenciado por homens, da elite e brancos, onde através da literatura puderam impregnar as ideologias dominantes, regidas pelos códigos de representação e de produção. Neste espaço, não se aceitava, qualquer tipo de obra literária, sobretudo, as literaturas que não estavam alinhadas aos padrões impostos pela hegemonia dominante. A marginalização e exclusão de mulheres, grupos étnicos e sociais, servia para manutenção dessa “ordem”, sendo o universo da Literatura restrito e excludente. Duarte (2013, p. 146), em sua obra *O negro na literatura brasileira*, ressalta que,

Examinados os manuais – componente significativo dos mecanismos estabelecidos de canonização literária –, verifica-se a quase completa ausência de autores negros, fato que não apenas configura nossa literatura como branca, mas aponta igualmente para critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes, sob o argumento de não se enquadrarem em determinados padrões de qualidade ou estilos de época.

Neste sentido, percebe-se que, a literatura colonial negava a subjetividade das mulheres e negros, de forma, que as reduzia, silenciando-os e negando-lhes possibilidades de escrita. Esse mecanismo patriarcal de dominação causou a marginalização sistemática das mulheres negras no processo literário brasileiro, recusando o protagonismo de suas narrativas. Contudo, essa disparidade histórica, vem demonstrar a necessidade de expandir as vozes sub-representadas.

É sabido que, a noção de representação consiste em um elemento de enorme importância no contexto das obras literárias, principalmente nos estudos de gênero, pois, as identidades femininas podem ser representadas, para que possam subverter os modelos

hegemônicos, confrontando as produções inseridas no cânone da literatura brasileira no decorrer da história.

Para Rossini (2014, p. 03): “Representação é um conceito passível de várias acepções - portanto, polissêmico, abstrato e instável. Etimologicamente, a palavra, de origem latina e oriunda do vocábulo *repraesentare*, designa ‘tornar presente’ ou ‘apresentar de novo’.”

As obras analisadas estão inseridas em um contexto contemporâneo, representando resistência de mulheres negras e outros grupos excluídos, onde cada uma apresenta estratégias de resistência, demonstrando o anseio de ruptura e superação de ciclos de violência, das desigualdades sociais e até mesmo possibilidades de suas vozes serem ouvidas. "Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar, hei de mudar daqui" (Jesus, s.d., p. 17) revela a realidade de pobreza e exclusão social vivida por Carolina Maria de Jesus, ao afirmar que mora na favela, a autora denuncia as condições precárias em que vive, entretanto, ao dizer que, com a ajuda de Deus, espera mudar essa situação, demonstra esperança, fé e o desejo de conquistar uma vida mais digna, dessa forma, a citação evidencia tanto as desigualdades sociais enfrentadas pela população marginalizada quanto a força e a perseverança da autora diante das dificuldades.

Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus, transforma seu diário em um registro de resistência, cujas estratégias envolvem a escrita enquanto ferramenta de denúncia social, na luta contra a exclusão social na favela do Canindé na luta contra a fome. A obra é capaz de subverter sua condição de marginalidade, dando voz à mulher negra. Essa resistência confronta e questiona as políticas e as desigualdades sociais existentes no país, como é possível observar no trecho a seguir:

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (p. 27).

[...] Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que tinham encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco de macarrão com feijão (p. 33).

[...] O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para ler (p. 11)

Conceição Evaristo, em seu poema *Vozes-mulheres*, retrata a escravidão, discriminação, desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras. Contudo, a obra demonstra que na quinta geração de mulheres, ocorre o rompimento desse ciclo, sendo percebido, a força e influência das centralidades. A escrita de mulheres negras caminha em direção contrária da literatura colonial, realiza a desconstrução das narrativas eurocêtricas, alcançando espaços e

dá autonomia aos grupos marginalizados. O poema valoriza a força cultural dos ancestrais para evolução e denuncia a opressão contra os negros e afrodescendentes que estão inseridos na sociedade brasileira. Isso pode ser observado nos seguintes versos: A voz de minha mãe / ecoou baixinho revolta / no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas / roupagens sujas dos brancos / pelo caminho empoeirado / rumo à favela” (Evaristo, 2015, p. 12).

No conto *Gesso*, Jarid Arraes narra através da linguagem a violência doméstica. Todavia, o uso da linguagem da violência, visa anular o responsável pela violência, que é o marido. Na narração, a protagonista busca romper com o ciclo de dor e sofrimento causados pelo seu marido, Sérgio. Na trama, verifica-se a religiosidade enquanto norteadora de costumes e comportamentos, onde a destruição de símbolos construídos pela igreja, representa a não aceitação da violência sofrida, por não aceitando mais passivamente isso como a vontade de Deus. Evidência disso é o fragmento abaixo:

Peguei a estátua com a mão direita e lasquei uma cacetada na cabeça de Sérgio. Não lembro se ele deu um grito ou se foi o som do corpo caindo. Socorro chegou com dois vizinhos, mas a Santa já estava toda espatifada, os cacos espalhados pelo tapete. A poça de sangue formada no chão (p.81).

É interessante notar que o espírito comunitário somente funcionava na prática em épocas de festas, pois diante da situação de Doralice, a vizinhança “não metia a colher”, como diz o velho ditado machista:

A rua inteira assistia, mas Sérgio se tornou corriqueiro. Tinha gente que já nem levantava a vista, só continuava varrendo a calçada, dando água para as plantas e trazendo os meninos da creche. Eu engolia o choro, fazia cara de raiva e deixava que ele me puxasse e empurrasse, porque assim doía menos. Tentei me debater uma vez e meu braço ficou todo roxo, pensei até que fosse cair. Depois aprendi que braço não cai assim fácil. E também eu não achava que tinha muita escolha. Se eu fazendo todas as suas vontades, Sérgio já me usava de boneca de trapo, do que seria capaz se eu lhe desse um pé na bunda? Eu não gostava nem de pensar, porque eu nunca conseguia imaginar que ele me deixaria em paz e eu ficaria livre para me pegar com quem eu quisesse. Então eu me pegava só com ele, que não era grandes coisas, mas se dedicava. (ARRAES, 2019, p.91)

A violência contra a mulher no Brasil, acontece desde o início da colonização, sendo amplamente naturalizada na sociedade patriarcal, que cercear e negava direitos às mulheres, que deveriam obedecer passivamente aos homens. Arraes, ao retratar a violência doméstica e sua superação, também vai confrontar essa grave violação. Embora, na atualidade, exista a Lei Maria da Penha, que tipifica as diversas formas de violência contra a mulher, ainda é elevado o número de ocorrências.

As obras analisadas, cada uma com sua especificidade, contudo, confrontam a invisibilidade da mulher negra, as ideologias da sociedade hegemônica e a exclusão social, sobretudo, porque as autoras, conseguiram vivenciar essa realidade. As narrativas apresentadas são dolorosas, onde há a recusa do silenciamento, mediante a construção de novas perspectivas para fortalecer o protagonismo e autonomia das mulheres. As obras nos levam a enxergar o mundo real, não aceitando mais a violência e as desigualdades sociais.

A convergência central entre as três obras analisadas, consiste na não aceitação da passividade frente às injustiças sociais, reafirmando a literatura brasileira contemporânea produzida por mulheres, enquanto um espaço de resistência. Verifica-se nas narrativas, um processo de movimentação, ou seja, o destino não se apresenta como um parado. As mulheres anseiam um futuro melhor, com autonomia e liberdade.

As obras *Quarto de Despejo* e *Vozes-Mulheres* se encontram ao delatar a intersecção presente entre racismo, exclusão de gênero e pobreza. Carolina Maria de Jesus retrata sua vivência cotidiana individual enquanto catadora na favela Canindé, enquanto Conceição Evaristo faz uso do poema para valorizar a ancestralidade e a força da resistência coletiva que a mulher negra, evoluindo da escravidão / submissão até a autonomia e alcance da sua voz, como é possível observar a seguir:

A voz de minha bisavó
ecoou criança nos porões do navio.
ecoou lamentos de uma infância perdida.
A voz de minha avó ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo (*Vozes-Mulheres*, Evaristo)

A fome também é professora.
[...] Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os
filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão
cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que
Deus esqueceu-me? Será que ele ficou mal comigo? (*Quarto de Despejo*, p.25;
p.151).

As três obras citadas convergem, ao representarem o protagonismo da mulher negra, escrevendo e reinventando sua própria história, nesse percurso, faz denúncias e combate o racismo e a marginalização. *Quarto de Despejo*, *Vozes-Mulheres* e *Gesso*, apresentam especificidades, como a obra de Carolina Maria de Jesus consiste em um relato íntimo e autobiográfico, que denuncia o paradoxo das desigualdades sociais. Evaristo trabalha a ancestralidade através do lirismo de um processo de libertação. Jarid Arraes, dialoga fortemente, apreendendo questões sociais, históricas e culturais.

Em *Gesso*, Arraes, apresenta temas sociais, como o machismo, a violência e a religiosidade, como forma de despertar reflexões acerca dessas problemáticas, discutindo o porquê da ocorrência dessas práticas, que muitas vezes se tornam corriqueiras no dia a dia. Quando estas práticas passam a ser recorrentes, acabam sendo naturalizadas e normalizadas na sociedade, a exemplo da existência de uma cultura machista. Desta forma, a literatura de resistência tem grande importância para desconstruir percepções que legitimam as violações de direitos.

Os textos analisados fazem uma denúncia social, mediante o relato da fome, da exclusão, da violência, do racismo enfrentados pelas mulheres negras no Brasil. Foi observado, que as mulheres sofrem diversas formas de opressão, que varia conforme a própria composição de classes que as diferencia. Neste sentido, a interseccionalidade é um ponto de convergência, pois, todos os textos conseguiram expor a realidade de mulheres, mediante o sofrimento causado pela opressão de raça, gênero e classe social. Os textos apresentam voz ativa, o que evidencia a recusa do silenciamento histórico, onde a denúncia social, visa transformar o sofrimento em tomada de consciência e liberdade. Foi possível compreender que, a resistência, faz parte de uma luta contínua e histórica, pela sobrevivência e pela dignidade humana, diante de uma sociedade desigual e hostil.

Os textos que serviram de base para a construção deste trabalho, evidenciam o poder da linguagem, da literatura e da escrita, permitindo a evolução do mundo e das pessoas, diante de um processo dinâmico que se encontra em constante movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi realizada uma análise de obras pertencentes a três autoras contemporâneas, as quais permitem refletir sobre questões relevantes na sociedade brasileira. Além de representarem uma literatura de resistência, essas obras permitem compreender que no campo literário historicamente houve predomínio da literatura escrita por homens, desprezando a escrita feminina. Ao dar visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados e promover reflexões sobre identidade, memória, ancestralidade e pertencimento, a literatura produzida por mulheres negras reafirma-se como um espaço de resistência, valorização cultural e contestação das estruturas de desigualdade que ainda persistem na sociedade brasileira.

Por isso, a reflexão proposta neste artigo se estende também ao contexto histórico que evidencia as dificuldades impostas às mulheres para ocupar espaços de autoria e de reconhecimento literário, bem como os desafios enfrentados por elas para adentrar o campo literário e nele serem respeitadas e reconhecidas. As autoras são mulheres negras, tendo suas produções inseridas no espaço chamado literatura afro-brasileira, sendo compreensível que a literatura afro-brasileira ainda esbarra em muitas resistências, sobretudo pela dificuldade do campo literário de lidar com conjecturas que estão fora do padrão conservado pelo cânone. Essa literatura, além de trazer denúncias sociais, busca ocupar espaços para consolidação de novos projetos literários, como também traz experiências vivenciadas por seus sujeitos.

Em relação à obra de Evaristo, o poema apresenta um aspecto relevante, caracterizado pela construção da imagem, que dá voz à ancestralidade, que é ouvida no texto poético, considerando a memória coletiva. Contudo, o olhar presente nos textos permite a reconstrução e novas possibilidades de vozes de mulheres negras, com análises das condições de vida e dos seus reflexos na sociedade brasileira, inspirando uma nova consciência para um fazer coletivo.

As obras analisadas contribuíram para desconstruir o estigma do sujeito socialmente invisibilizado, à medida que se configuram como instrumento de denúncia social às condições de vida, a submissão imposta pela sociedade hegemônica que legitima as desigualdades sociais. O conhecimento e reflexão da literatura de resistência, permite a contestação de regras e normas impostas às mulheres, negros e grupos vulneráveis, sendo observado uma importante função social da literatura. Neste sentido, se dá voz e protagonismo aos grupos historicamente marginalizados, a fim de romper os preconceitos e as estruturas de poder, que legitimam as desigualdades sociais.

As obras de Carolina Maria de Jesus, Jarid Arraes e Conceição Evaristo favorecem o questionamento de injustiças sociais, a partir do desenvolvimento do pensamento crítico, inclusive estimulado a conscientização política na luta por direitos e enfrentamento da violação de direitos básicos e essenciais à vida, elas demonstram que a literatura ultrapassa sua dimensão estética ao assumir uma função social e política, promovendo reflexões sobre as relações de poder, a desigualdade e a necessidade de reconhecimento, representatividade e justiça social.

Ao longo deste estudo, compreendeu-se que a literatura afro-brasileira representa mais do que uma produção estética: constitui um território de luta, no qual experiências historicamente silenciadas encontram possibilidade de expressão e reconhecimento. Além

disso, a complexidade das experiências de mulheres exige olhares interdisciplinares capazes de reconhecer a pluralidade das vozes que compõem a sociedade. Assim, permanecem abertas novas possibilidades de diálogo para pesquisadores interessados na relevância social da temática. A literatura, em conjunto com outras áreas do conhecimento, continua sendo fundamental para compreender trajetórias das mulheres, valorizando histórias e denunciando desigualdades por meio da escrita.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ívia. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia (org.). *Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares*. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. p. 231-246. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/>.

ARRAES, Jarid. Gesso. In: ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 4º edição, 1970.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 20 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 20 jul. 2026

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4. Ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CAZES, Leonardo. As escritoras brasileiras da virada dos séculos XIX e XX que foram esquecidas. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/as-escritoras-brasileiras-da-virada-dos-seculos-xix-xx-que-foram-esquecidas-21541955>. Acesso em: 08 jul. 2026.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, pág. 87–110, 2012.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Estudos avançados**, 17 (49), 2003.

Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

Eduardo de Assis. **O negro na literatura brasileira**. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul. /dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/16787>.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p.17-31, 2009.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Relações de poder e a literatura brasileira**. Revista Grifos - n. 25 - dezembro/2008.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os Caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOURA, Nágela Luila Ferreira. LEITE, Francisco de Freitas. **Literatura e gênero: uma análise dialógica do conto “Gesso”**, de Jarid Arraes. Revista VERBUM (ISSN 2316-3267), v. 13, n. 2, p.343-357, ago. 2024.

OLIVEIRA, Clara Lua de; REZENDE, Carolina Anglada de. **No olho do redemoinho: O Nordeste e a mulher nordestina na narrativa de Jarid Arraes**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 5., 2021, Aracaju. Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79145>.

OLIVEIRA, Marcela de Paula. **Questões de literatura negra e testemunho em Olhos d'água, de Conceição Evaristo**. Vitória: UFES, 2018.

PAULO, Laura Dias Rodrigues de. Ocultação, **linguagem e políticas públicas: análise do Quarto de Despejo**, de Carolina Maria de Jesus. *Anais do VI CIDIL – As ilusões da verdade e as narrativas processuais*. RDL – Rede Brasileira de Direito e Literatura, 2018. p. 164-180. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anacidil/article/view/369>.

RAFAEL, Ricardo de Mattos Russo; MOURA, Anna Tereza Miranda Soares de. **Violência contra a mulher ou mulheres em situação de violência? Uma análise sobre a prevalência do fenômeno**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 149-153, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/yNPVCVLg38wSGdhCgjVRTfQ/>.

RYDLEWSKI, Ana Paula Giannini; PORTILLA, Maria Paz Pizarro. **Entre cânones: o espaço da mulher na literatura contemporânea brasileira – um panorama estatístico**. Revista Metalinguagens, v. 10, n. 2, Dezembro de 2023, p. 76-100.

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Monografia (Graduação em Produção Editorial) — Escola de Comunicação. 51f.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. **A construção do feminino na literatura: representando a diferença**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2014.

SAMYN, Henrique Marques. Para (re)ler “Vozes-Mulheres”: Conceição Evaristo e a dialética da ancestralidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 23-32, 2019. ISSN 2175-7917

TAVARES, Rossana Brandão. **Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença: por um planejamento de possibilidades**. São Paulo: XVII ENAPUR, 2017.

VALTÃO, Rosana Carvalho Dias; ELISBON, Eudma Poliana Medeiros. **Representação feminina e escrita de textos literários a partir de contos de Marina Colasanti**. Revista Entreletras (Araguaína), v. 11, n. 2, set./dez. 2020 (ISSN 2179-3948 – online).

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.